

**ABORDAGEM DO BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE
METODOLOGIAS ATIVAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**BULLYING APPROACH AT ELEMENTARY SCHOOL THROUGH ACTIVE
METHODOLOGIES: AN EXPERIENCE REPORT**

**ABORDAJE DEL BULLYING EN ESCUELA PRIMARIA A TRAVÉS DE
METODOLOGÍAS ACTIVAS: RELATO DE EXPERIENCIA**

Mayara Marques de Santana
mayara.marques@discente.univasf.edu.br
Graduanda em Medicina na Universidade Federal do Vale do São Francisco-
Campus Paulo Afonso

Vitória Santos da Silva
vitoria.santos@discente.univasf.edu.br
Graduanda em Medicina na Universidade Federal do Vale do São Francisco-
Campus Paulo Afonso

Ana Júlia Alves da Silva
julia.alves@discente.univasf.edu.br
Graduanda em Medicina na Universidade Federal do Vale do São Francisco-
Campus Paulo Afonso

Anna Clara Oliveira Silva
anna.oliveira@discente.univasf.edu.br
Graduanda em Medicina na Universidade Federal do Vale do São Francisco-
Campus Paulo Afonso

CrislayneKaline Alves de Oliveira
crislayne.oliveira@discente.univasf.edu.br
Graduanda em Medicina na Universidade Federal do Vale do São Francisco-
Campus Paulo Afonso

Anacely Guimarães Costa
anacely.guimaraes@univasf.edu.br

*Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Campus Paulo
Afonso*

RESUMO

Introdução. O *bullying* se caracteriza por ações agressivas e repetitivas, praticadas por uma ou mais pessoas, que objetivam inferiorizar a vítima em seus atributos físicos e intelectuais, sendo a sua ocorrência frequente em espaços escolares. A partir da concepção de que escola é um espaço de construção do conhecimento, promotor de oportunidades para exploração de temas que contribuam para a qualidade de vida de seus educandos, temáticas que suscitem reflexão e aprimoramento do comportamento devem ser priorizadas nesses espaços. Diante disso, as metodologias ativas se mostram como estratégias eficazes ao promoverem a participação ativa discente na construção do saber, além de estimular o desenvolvimento de autonomia, de postura crítica sobre o meio em que está inserido. **Metodologia.** Trata-se de um relato de experiência baseado na aplicação do jogo “Vigilantes do *Bullying*”, adaptado por discentes do curso de medicina da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)/Paulo Afonso-Bahia, para estudantes do ensino fundamental de uma escola pública. **Resultados e Discussão.** Pautada em metodologias ativas, a dinâmica possibilitou o compartilhamento, por parte dos discentes, de experiências e visões sobre as formas de violência na escola. A partir disso, reflexões foram propostas pelos aplicadores com o objetivo de construir habilidades, atitudes e conhecimentos capazes de identificar e combater a prática do *bullying*, além de propor alternativas para a busca de ajuda diante destas situações. **Conclusão.** Percebeu-se que a utilização de uma atividade lúdica atrelada às metodologias ativas é uma proposta coerente para a promoção de um ambiente saudável e propositivo de ensino-aprendizagem sobre o *bullying* e sua relação com pautas como sexismo, identidade de gênero, orientação sexual e racismo.

Palavras-chave: *Bullying*. Educação em saúde. Populações vulneráveis.

ABSTRACT

Introduction. The dissemination of active teaching methodologies and the consolidation of the school as a space for the construction of knowledge, in addition to promoting opportunities for exploring themes that contribute to the quality of life of students, promotes *bullying* as an important theme to be

addressed. It is aggressive and repetitive actions that aim to make the victim inferior, involving several actors and can be practiced in different ways. **Methodology.** This is an experience report based on the application of an adaptation of the game “Vigilantes do *Bullying*” by students of the medical course at the Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)/Paulo Afonso-Bahia, to elementary students at a public school. **Results and discussion.** The application of the dynamic based on active methodologies made it possible for students to share experiences, reports and views about forms of violence at school. From this, reflections were proposed by the applicators, aiming to build skills, attitudes and knowledge capable of identifying and combating the practice of bullying, in addition to proposing alternatives for seeking help in these situations. **Conclusion.** It was noticed that the use of a recreational activity linked to active methodologies is a coherent proposal for the promotion of a healthy and purposeful teaching-learning environment about bullying and its relationship with guidelines such as sexism, gender identity, sexual orientation and racism.

Keywords: Bullying. Health Education. Vulnerable populations.

RESUMEN

Introducción. El *bullying* se caracteriza por acciones agresivas y repetitivas, practicadas por una o más personas, que tienen el objetivo de rebajar los atributos físicos y intelectuales de la víctima, y su ocurrencia es frecuente en los espacios escolares. Partiendo de la idea de que la escuela es un espacio de construcción de conocimiento, propiciando espacios de exploración de temas que contribuyan a la calidad de vida de sus alumnos, en estos espacios se deben priorizar temas que susciten la reflexión y mejoren el comportamiento. Por lo tanto, las metodologías activas se presentan como estrategias efectivas para promover la participación activa de los estudiantes en la construcción del conocimiento, además de estimular el desarrollo de la autonomía, una actitud crítica hacia el entorno en el que se insertan. **Metodología.** Se trata de un relato de experiencias basado en la aplicación del juego “Vigilantes de *Bullying*”, adaptado por estudiantes de medicina de la Universidad Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)/Paulo Afonso-Bahia, y hecho para estudiantes de enseñanza primaria de una escuela pública. **Resultados y Discusión.** Usando las metodologías activas, la dinámica permitió que los estudiantes compartieran experiencias y visiones sobre formas de violencia en la escuela. A partir de esto, los aplicadores propusieron reflexiones con la finalidad de desarrollar habilidades, actitudes y conocimientos capaces de identificar y combatir la práctica del *bullying*, además de proponer alternativas de

búsqueda de ayuda en estas situaciones. **Conclusión.** Se notó que el uso de una actividad lúdica referida a las metodologías activas es una propuesta coherente para el incremento de un ambiente de enseñanza-aprendizaje saludable y propositivo acerca del *bullying* y su relación con pautas como el sexismo, la identidad de género, la orientación sexual y el racismo.

Palabras clave: *Bullying*. Educación en salud. Poblaciones vulnerables.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, têm-se observado a difusão de métodos educativos que deslocam o centro do processo ensino-aprendizagem do(a) educador(a) para o(a) aprendiz. Como formação coletiva, construtiva e contínua, a educação vem sendo incrementada com técnicas que permitem a quem está aprendendo buscar o conhecimento e participar ativamente da construção do saber. Sabe-se que os procedimentos utilizados no ensino são tão importantes quanto o conteúdo que está sendo ensinado e, nessa perspectiva, as metodologias ativas se mostram como uma alternativa efetiva para promoção de maior participação e, conseqüentemente, aprendizagem de estudantes (PAIVA *et al.*, 2016). Esse método baseia-se na participação de dois atores: o(a) professor(a), que assume a função de facilitar e estimular, e o(a) estudante, que se torna protagonista desse processo, sendo incentivado(a) de forma dinâmica, ativa e construtiva (FARIAS; MARTIN; CRISTO, 2015).

Por outro lado, o cotidiano escolar abriga vivências plurais, tanto de intolerância e violência quanto de convívio harmonioso com as diferenças. Com isso, torna-se um espaço privilegiado não só para difundir conhecimento científico, mas também para promover informação sobre diversos outros assuntos que impulsionem expressões positivas de saúde física e mental (FERNANDES; YUNES; TASCHETTO, 2017). Assim, a educação possibilita trabalhar temas individuais, sociais e políticos, evidenciando a sua importância para o manejo das condições de vida das sociedades e, desta maneira, cumpre

um papel valioso para a instrução das comunidades sobre saúde, aspecto fundamental que tem sua construção e manutenção relacionadas diretamente ao bem-estar individual e comunitário (CARVALHO, 2015; PAIVA *et al.*, 2016). É nesta direção que, ao transformar certas concepções estereotipadas em respeito às diferenças, a escola se constitui como um dos mais importantes territórios de produção de saúde e de cidadania crítica.

Vale recordar que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde não é apenas a ausência de doença e deve ser compreendida como recursos positivos que englobam capacidades físicas, pessoais e sociais (SCLIAR, 2007). Neste conceito amplo, os determinantes sociais da saúde devem ser trabalhados para atuarem na promoção do bem-estar coletivo. Diante disso, crianças e adolescentes em idade escolar configuram um importante grupo para a exploração de informações e suas conexões com a educação em saúde, pois estão em períodos do desenvolvimento humano no qual estabelecem um repertório de comportamentos e hábitos de vida. Além disso, as interações dos indivíduos entre si e com os espaços que habitam podem ter, a longo prazo, efeitos de cognição (positivos) ou de disfunção (negativos) sobre as relações pessoais e sobre os atores que delas participam (CARVALHO, 2015; FERNANDES; YUNES; TASCETTO, 2017).

Pensando nessas questões, embora não seja recente, um dos fenômenos que cada vez mais desperta preocupação no âmbito escolar brasileiro é o *bullying*. Conceito surgido nos anos 1970, este termo de origem inglesa compreende uma série de ações intencionais, repetitivas, pautadas em relações desiguais de poder, que ocorre sem provocação por parte da vítima, com o objetivo de inferiorizá-la, produzindo exclusão e isolamento. Os ataques são baseados em elementos como idade, religião, biotipo físico, estereótipos ligados ao gênero, sexualidade, raça e etnia, entre outros. As agressões podem ser diretas ou indiretas, sendo classificadas em físicas, verbais, sexuais. Entre os exemplos de *bullying* direto estão as ofensas verbais, gestos

e apelidos ofensivos, agressões físicas, ameaças. Atitudes de indiferença, difamação e exclusão apontariam para o *bullying* indireto (PIGOZI; MACHADO, 2015). E, mais recentemente, surge a classificação do *cyberbullying*, remetendo ao uso de informações e de tecnologias de comunicações com o propósito de difamar ou apoiar comportamentos agressivos (SCHREIBER; ANTUNES, 2015).

Os indivíduos envolvidos nestas práticas ocupam diferentes posições, como vítimas, agressores, vítimas-agressoras ou espectadores (MARCOLINO *et al.*, 2018; ZEQUINÃO *et al.*, 2016). Entre as consequências para a saúde mental e física das crianças e adolescentes que são alvos dessas violências estão a degradação da autoestima e do conceito que têm de si, com a possibilidade de desenvolver insegurança, instabilidade emocional, tendência a transtornos psíquicos, depressão e suicídio (FERNANDES; YUNES; TASCHETTO, 2017; MARCOLINO *et al.*, 2018; SCHREIBER; ANTUNES, 2015). Outros fatores negativos associados são a evasão escolar, perda do ano escolar e baixo rendimento de aprendizado em discentes de idades variadas (PIGOZI; MACHADO, 2015).

Frente a esse contexto, devem ganhar destaque estratégias educativas que promovam a discussão desses temas e que provoquem a reflexão individual e coletiva a fim de colaborar para a superação de quaisquer comportamentos discriminatórios no ambiente escolar. Dessa forma, a realização de atividades nas escolas deve seguir com a finalidade de informar e conscientizar estudantes sobre o tema aqui proposto com o intuito de modificar noções preconceituosas e combater a perpetuação de atos violentos nesses locais. Assim, o objetivo deste estudo é relatar a experiência de acadêmicas de medicina com a execução de um jogo educativo sobre *bullying* voltado para estudantes do ensino fundamental, bem como reportar a efetividade da proposta para um exercício de cidadania baseado na pró-afirmação do respeito aos lugares da diferença e da diversidade na escola.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

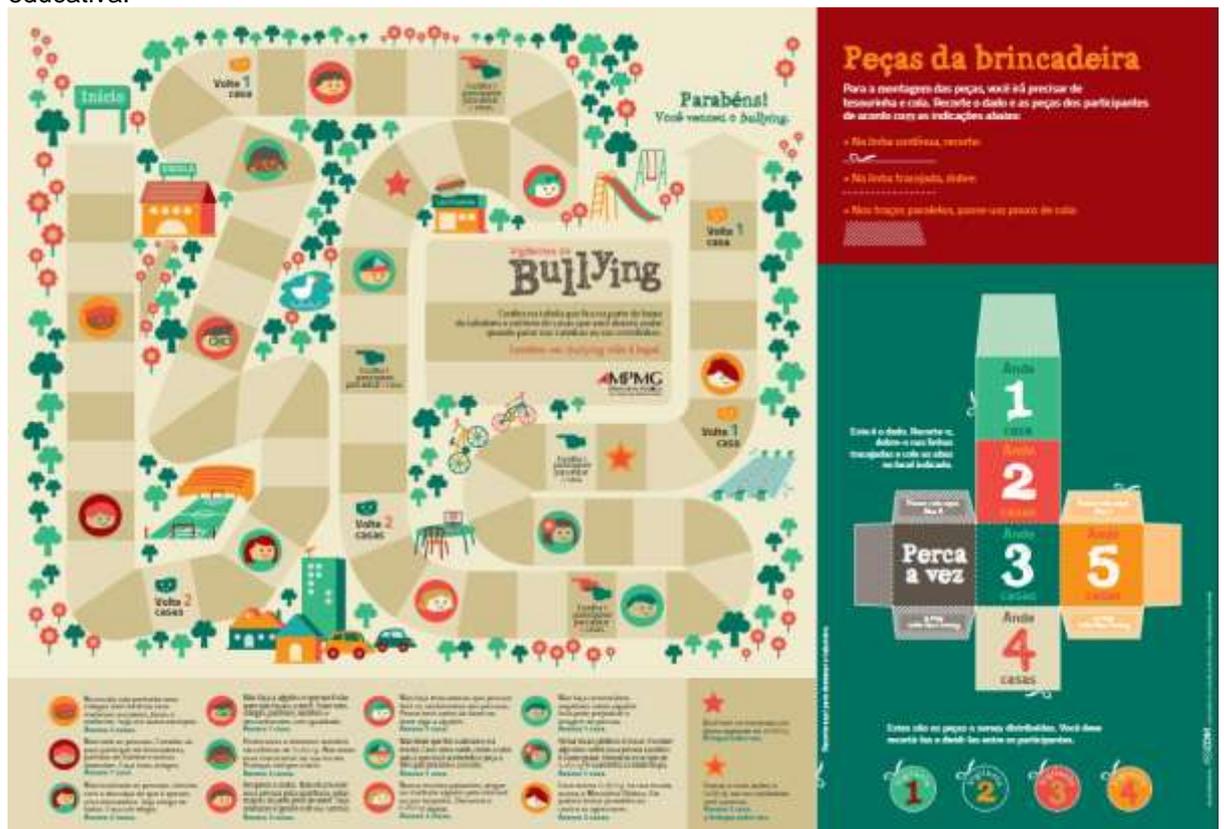
Trata-se de um relato de experiência baseado na aplicação de atividade lúdica elaborada por discentes do 4º período do curso de medicina da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), *campus* Paulo Afonso (BA), com três turmas de estudantes do 6º e 7º ano de uma escola municipal da cidade. Realizada em julho de 2019, a ação educativa encontrava-se prevista no Programa de Disciplina (PD) da atividade Prática de Integração Ensino, Serviço e Sociedade (PIESS). Segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Medicina *campus* Paulo Afonso (2020), a atividade de PIESS visa inserir o corpo discente em um processo dinâmico integrando ensino, serviços e a sociedade de forma a produzir conhecimento e saúde junto à população, ao mesmo tempo que utiliza o cenário prático para aprendizagem dos graduandos em medicina. Seus objetivos incluem ainda provocar reflexões acerca das experiências vividas pelos discentes para que estes compreendam as principais e reais necessidades de saúde de acordo com os determinantes sociais envolvidos no território do semiárido.

Planejamento da atividade

Para viabilizar a proposta pedagógica elaborada pela atividade de PIESS, a turma de discentes da medicina foi dividida em subgrupos. Cada um ficou responsável por uma metodologia educativa articulada a uma temática específica com o objetivo de realizar uma ação de educação em saúde no âmbito escolar. Ressalta-se que a temática geral do semestre compreendia conteúdos teóricos e práticos relacionados à saúde das populações vulneráveis. Seguindo as diretrizes nacionais curriculares para o curso de

medicina, o(a) graduando(a) deve ter formação compatível para o desenvolvimento de postura ética e respeitosa quanto às dimensões étnico-racial, de gênero, orientação sexual, socioeconômica e demais aspectos que particularizam cada pessoa e/ou o grupo social a que pertence (BRASIL, 2014). A partir destas noções, o grupo responsável pelo presente relato selecionou o tema “*Bullying* e populações vulneráveis”. A exposição apresentada baseia-se em uma dinâmica intitulada “Vigilantes do *Bullying*”, inspirada em jogo de mesmo nome desenvolvido pelo Ministério Público do estado de Minas Gerais em 2011 (Figura 1).

Figura 1 - Jogo educativo “Vigilantes do *Bullying*”, desenvolvido pelo Ministério Público do estado de Minas Gerais em 2011 e utilizado como base para o desenvolvimento da atividade educativa.



Fonte:Ministério Público do Estado De Minas Gerais (2011).

Adaptação do jogo

No processo de adequação do jogo, optou-se pela realização de mudanças estruturais e motivadoras frente à versão base. Nesse sentido, os comandos, fixos às imagens de personagens encontrados na cartilha pública disponibilizada, foram substituídos por casas das cores azul, amarelo e rosa, as quais possuíam cartões de coloração compatível (Figura 2). As casas foram dispostas no chão em sequência aleatória. Ademais, na adaptação produzida, a atividade perdia o objetivo de chegar ao final do tabuleiro como forma de eleger um vencedor, passando a ter como propósito a discussão de temáticas relacionadas ao *Bullying*, *Cyberbullying* e populações que são frequentemente atingidas por essa prática, tais como mulheres, pessoas negras e LGBTQI+.

Figura 2 - Material utilizado durante a dinâmica do jogo adaptado "Vigilantes do Bullying".



Fonte: Acervo das autoras (2019).

As modificações foram realizadas em decorrência da disponibilidade de materiais para a montagem do jogo. Para a execução, os círculos coloridos de cartolina sinalizavam as casas, fixadas ao chão. Os dados foram confeccionados com o mesmo material e numerados com pincéis atômicos. Diferente da versão original, em que os pinos eram movidos em um tabuleiro, na adaptação, os participantes andavam pelas casas, conferindo uma dinâmica maior por parte dos estudantes.

As frases originais também foram adaptadas visando inserir sentenças disparadoras que abordassem aspectos relacionadas às populações vulneráveis e à prática de *bullying*. Nesse sentido, nos cartões correspondentes

às casas, estavam descritos desde os tipos de *bullying* (físico, verbal, material, psicológico e virtual) até situações de sexismo, racismo e homofobia, além de cartas que fomentavam a inclusão no ambiente escolar (Tabela 1). Dessa forma, ao “cair” em uma cor, o(a) participante escolhia, aleatoriamente, um cartão que continha um disparador situacional dentre os expostos, iniciando assim uma discussão aberta à turma.

Tabela 1 - Frases disparadoras contidas nos cartões numerados correspondentes às casas de cores rosa, amarelo e azul, da adaptação do jogo “Vigilantes do *Bullying*”.

NÚMERO DO CARTÃO	ROSA (Nessa casa, o grupo deve escolher outra equipe para avançar no jogo)	AMARELO (Nessa casa, o grupo deve avançar no jogo)	AZUL (Nessa casa, o grupo deve retornar duas casas no jogo)
1	“O <i>bullying</i> causa sofrimento! Não discrimine uma pessoa pela aparência, pelas roupas ou pelo jeito de viver. Seja tolerante e respeite a todos! - Escolha um grupo para andar 1 casa.”	“Não deixe que lhe maltratem na escola. Caso sinta medo, conte a seus pais o que está acontecendo e peça a eles que procurem a escola. - Avance 2 casas.”	“Você alterou fotos e dados pessoais de um colega para humilhar ou constrangê-lo na internet. Isso é <i>cyberbullying!</i> - Volte 2 casas.”
2	“Professores, diretores e funcionários da escola também são vítimas de <i>bullying</i> . Não deixe esse mal ocorrer na sua escola. Pratique sempre o bem! - Escolha um grupo para andar 2 casas.”	“Nunca escreva palavrões, xingue ou maltrate alguém pela internet ou por mensagens. Denuncie o <i>bullying</i> digital aos seus responsáveis, professores ou Ministério Público. - Avance 2 casas.”	“Você chamou o cabelo do colega de ‘pixaim’. Isso é discriminação racial! - Volte 2 casas.”
3	“Estimular o diálogo sobre o <i>bullying</i> é essencial para o seu combate. Assista a animação “ <i>Paper,</i>	“Não isole as pessoas. Convide-as para participar de brincadeiras, partidas de futebol e outras	“Você rasgou os cadernos do seu colega para deixá-lo chateado. Isso é <i>bullying</i> material! -

	rock, scissors” (Papel, pedra, tesoura)” - Escolha dois grupos para andar 1 casa.”	diversões. Faça mais amigos! - Avance 1 casa.”	Volte 2 casas.”
4	“O <i>bullying</i> pode ser físico, verbal, social, material, sexual, psicológico, moral e/ou virtual. Se atente às suas várias formas para não praticá-las e poder denunciá-las. - Escolha um grupo para andar 1 casa.”	“Caso presencia práticas de <i>bullying</i> , não fique calado! Converse com seus professores ou responsáveis. Ajude o próximo! - Avance 2 casas.”	Você ofendeu seu/sua colega por ele/ela gostar de uma pessoa do mesmo sexo. Isso é homofobia! Isso é lesbofobia! - Volte 2 casas.”
5	“Não se deixe influenciar pelas más atitudes de colegas. Práticas ofensivas realizadas em grupo também são <i>bullying</i> . - Escolha um grupo para andar 1 casa.”	“Não incomode as pessoas, mesmo com a desculpa de que é apenas uma brincadeira. Não é brincadeira se chateia o outro. Seja amigo de todos. - Avance 1 casa.”	“Você bateu, empurrou ou chutou um colega. - Volte 2 casas.”
6	“Que tal fazer o bem nessa semana?! Proponha um amigo anjo entre a turma. Sorteie um colega, e, anonimamente, demonstre cuidado e carinho. - Todos os grupos devem avançar 1 casa.”	-	-

Fonte: Adaptação do jogo “Vigilantes do Bullying”, elaborado pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Produção das autoras (2020).

Em acréscimo às situações descritas nos cartões, utilizou-se disparadores de discussões, como: “Isso já aconteceu com algum de vocês?”; “Isso já aconteceu aqui?”; “O que você fez/faria nessa situação?”; “Você acha que esse tipo de ação é correto ou errado? Por quê?”. Dessa forma, a

aplicação dessa estratégia de ensino pôde, além de promover o engajamento dos(as) estudantes na partilha do conhecimento, esclarecer dúvidas acerca dos diversos temas trabalhados.

Execução da atividade

Com as modificações realizadas no material e o curto tempo disponibilizado para realizar a ação, as três turmas de estudantes da escola passaram por um rodízio, com duração de 30 minutos para cada uma, a fim de participarem do jogo. Como já dito, a proposta foi estruturada de maneira que, se nenhuma das equipes chegasse ao final do circuito, não comprometeria a ação, pois os grupos teriam tido a possibilidade de discutir variados assuntos, de acordo com as cartas que foram escolhidas pelos(as) jogadores.

Para a execução do jogo, cada turma, em sua vez de participar, foi subdividida aleatoriamente em cinco grupos para propiciar a interação de discentes que, ocasionalmente, não possuíam proximidade no dia a dia. Por conseguinte, cada subgrupo deveria escolher um representante, o qual seria tanto o “pino” do tabuleiro quanto o responsável pelo lançamento do dado. Dessa maneira, o número de casas a serem avançadas foi determinado pelo número sorteado com o dado, podendo ser direcionado para uma casa de qualquer uma das cores supracitadas.

As casas azuis e amarelas, as quais detinham o comando de retorno e de avanço, respectivamente, foram distribuídas casualmente enquanto as casas de cor rosa, que indicavam a escolha de um outro grupo para avançar, foram postas de forma a serem as primeiras visitadas. Nesse sentido, esta decisão foi orientada com a meta de expor, obrigatoriamente, dois cartões rosas, numerados de 3 e 6. O cartão de número 3 sugeria a realização de um “Amigo Anjo” na turma, que consistia em uma atividade na qual os(as) estudantes presenteiam uns/umas aos/às outros(as), com atitudes e frases de

carinho e conforto, de maneira anônima, para estimular o cuidado entre pares. Já o cartão de número 6 solicitava a visualização de um curta de animação, produzido pelo *Google*, em 2016, denominado “Papel, pedra, tesoura”¹, em uma tradução livre. Na brincadeira de mesmo nome, a dinâmica consiste em ganhar indicando com as mãos um objeto que derrotaria aquele apresentado pelo oponente (por exemplo: pedra quebra tesoura; tesoura corta o papel; papel embrulha a pedra). No vídeo utilizado durante a intervenção, os personagens representam os elementos componentes “pedra, papel e tesoura” em situações em que os protagonistas contrariam a lógica da recreação popular ao ajudarem os seus respectivos opositos em circunstâncias ligadas a práticas de *bullying* comuns ao ambiente escolar. Diante disso, o curta de animação foi escolhido por ilustrar a necessidade de romper com conceitos de competição e, ao invés disso, incentivar a inclusão daqueles afetados diretamente por tais ações. Os resultados da dinâmica desta atividade trouxeram reflexões ao grupo de discentes da UNIVASF que serão compartilhadas nos próximos tópicos.

Avaliação da atividade

Após o término do jogo com cada grupo, foi realizado um momento de *feedback* entre as discentes organizadoras da ação com a finalidade de ajustar eventuais intercorrências e para aprimorar a aplicação da dinâmica com o grupo seguinte. Esses momentos foram cruciais para, principalmente, a troca de impressões entre os aplicadores do jogo sobre os comentários realizados entre os alunos da escola frente às temáticas abordadas pelas cartas que eram escolhidas. Notou-se que muitos dos estudantes realizavam comentários com os colegas de classe e com a discente da UNIVASF que estava mais próxima

¹GOOGLE Android – Rock, Paper, Scissors. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hgDbafji3xl>>. Acesso em: 03 maio 2020.

fisicamente, ao invés de compartilharem com toda a turma. Estes comentários foram registrados de maneira escrita, em documento compartilhado entre as organizadoras.

Ao final da aplicação do jogo com o último grupo de escolares, também foi realizado *feedback* geral com a docente da UNIVASF responsável pela atividade, que contribuiu com observações feitas sobre a execução. Em momento posterior, foi produzido, de forma compartilhada, um relato de experiência referente à intervenção, o qual foi entregue e avaliado pelos docentes da atividade de PIESS. O relato de experiência, junto com um projeto de execução da atividade entregues antes da realização da intervenção na escola, foram utilizados como veículos de avaliação das discentes organizadoras e foram devidamente pontuados, bem como serviram de ferramenta para registro das informações colhidas e para produção de material científico a ser publicado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola configura-se como espaço privilegiado de conhecimentos científicos com experiências individuais e coletivas de modo que tem potencial para promover um ambiente dinâmico, articulando prática e teoria, e estimular o desenvolvimento de características importantes para o convívio social (GUIMARÃES; AERTS; CÂMARA, 2012). Por outro lado, a escola geralmente encara os episódios de violência que nela ocorrem como fenômenos externos que invadem sua infraestrutura. Entretanto, deve-se perceber que muitas atividades escolares possuem caráter competitivo, nas quais os tidos como melhores são premiados, por vezes gerando frustração a estudantes que não ocupam a posição de vencedor. Esse contexto proporciona o aumento da rivalidade, a desqualificação do outro, o surgimento de desrespeito,

contribuindo para a emergência do *bullying*. Assim, práticas competitivas no processo educacional devem ser abandonadas e parcerias entre o setor da saúde e o educacional podem colaborar para o aprimoramento de atitudes, conhecimentos e habilidades favoráveis ao bem-estar dos(as) educandos(as) (GUIMARÃES; AERTS; CÂMARA, 2012).

Sabe-se também que a formação dos valores estudantis se manifesta como resultado da articulação de experiências pessoais, suas relações sociais, a educação familiar recebida e aquela oriunda do âmbito escolar (PÉREZ SÁNCHEZ, 2019). Além disso, segundo Carvalho (2015), em contraponto à pedagogia tradicional, a prática social é utilizada como base para estabelecer aprendizado, buscando a contextualização da realidade vivida pelo sujeito. Com isso, a escola seria o espaço onde ocorreria o questionamento e a reflexão sobre as realidades, com as ações de saúde, em associação com práticas pedagógicas, sendo os instrumentos para disparar esse processo.

Sobre o papel da escola em relação às diferenças, ela deve estar preparada para apresentar conteúdos que propiciem a compreensão das implicações éticas e políticas da pluralidade da sociedade brasileira a fim de que os(as) estudantes possam construir uma postura crítica em relação à naturalização dos problemas e das desigualdades. Quanto a isso, embora remetam a fenômenos, comportamentos e penalidades específicos, as práticas reconhecidas como *bullying* e os atos classificados como machismo, homofobia, lesbofobia e racismo podem ser abordados em conjunto. Uma das razões que justifica esta escolha vincula-se ao entendimento de que o lugar da diversidade e o preconceito direcionado a ela são constructos sociais, portanto, passíveis de interferência. Em consequência disso, a convivência com o outro requer respeito e valorização de modo que promover uma educação cidadã nas escolas implica no reconhecimento e proteção dos grupos e indivíduos vulneráveis que nela circulam. Assim, é fundamental a difusão de perspectivas não-essencialistas para que determinados atributos historicamente

estigmatizados não continuem a ser usados para perpetuar exclusão social e discriminação na escola (CARRARA, 2009).

Trazendo essas considerações para o contexto da atividade proposta pela UNIVASF, destaca-se, primeiramente, que foi valiosa a identificação dos discentes da escola com a temática do jogo. Este passo permitiu que os/as adolescentes presentes relatassem situações de seus cotidianos que remetiam a condutas envolvendo o *bullying* nas suas mais variadas vertentes. Os depoimentos dos(as) estudantes tiveram um papel fundamental para fomentar o diálogo ao abordarem situações ocorridas com eles(as) ou com terceiros concernentes a racismo, sexismo, homofobia, lesbofobia, liberdade de expressão, tipos de *bullying*, entre outras. Dentre esses temas abordados, vale dizer que episódios de violência especificamente relacionados a gênero e orientação sexual, além do *cyberbullying*, ocuparam o centro dos debates nas diferentes turmas. A partir do relato e da escuta coletiva, os adolescentes mostraram suas dúvidas em relação aos assuntos, sendo necessário destinar tempo para fornecer explicações e apresentar alternativas para que pudessem lidar com situações similares futuramente. Exemplos disso foram as sugestões de, ao invés de agir com retaliação, buscar apoio com familiares e responsáveis no âmbito escolar para, em conjunto, encontrar uma resolução para o conflito.

Ao longo da dinâmica, alguns/algumas estudantes haviam participado da discussão de modo mais enfático que outros. Nesse contexto, obteve-se um engajamento ativo e a disponibilidade dos(as) estudantes para relatar situações que estavam associadas às frases disparadoras, além de desabafos, relatos e dúvidas. No entanto, alguns adolescentes mostraram-se particularmente sensibilizados com as temáticas discutidas, mesmo quando não estavam participando ativamente do jogo. Timidez, troca de palavras e olhares com colegas ao lado fizeram parte do repertório gestual que sinalizava a postura de quem optou por observar a atividade em curso. Em dados momentos, porém,

esses(as) estudantes explicitaram para o coletivo que já haviam vivenciado algo similar ao que estava em debate ou conheciam alguém que já havia sofrido determinado tipo de *bullying* citado no jogo. Essa participação indireta não foi prejudicial para o objetivo da dinâmica, pois a discussão abrangeu a todos(as) na medida em que estimulou as turmas a pensarem sobre as temáticas abordadas a partir de variados pontos de vista. Desse modo, compreende-se que a aplicação do jogo adaptado “Vigilantes do *Bullying*” possibilitou dialogar não apenas a respeito das noções sociais de certo e errado, mas também proporcionou observações da realidade sobre como o *bullying* é visto e cometido, além dos impactos subjetivos e físicos.

Ao final da atividade, com diversos temas debatidos, pôde-se contribuir para a desconstrução de ideias tais como o caráter inofensivo do *bullying* e outras questões conceituais fundamentais para que os(as) estudantes pudessem identificar e reconhecer o problema no seu dia a dia. Outro objetivo atingido com a ação remete à conscientização de que certos padrões de corpo e de comportamento não devem ser tomados como indicadores exclusivos de aceitação social, levando os(as) participantes a interagirem mais criticamente a respeito do que se espera socialmente de homens e mulheres.

Ao adotar a estratégia de discutir o *bullying* por meio de suas origens sociais - isto é, as relações de poder e as discriminações que elas podem favorecer - a partir das vivências do público-alvo, foi possível gerar reflexões sobre o tema e construir a possibilidade de mudanças de atitudes diante dele. Desta forma, o conhecimento prévio, como dizem os estudos sobre metodologia ativa, e a pedagogia da autonomia freireana, ao defender a educação libertadora, foram elementos centrais para efetividade do objetivo da ação, contribuindo para “educação em saúde emancipadora” com o desenvolvimento de estudantes que se reconheçam como seres políticos na resolução de problemáticas do seu dia a dia (FARIAS, 2015; FREIRE, 2004; MARTIN; CRISTO, 2015). Assim, articular os exemplos oferecidos pelos

próprios(as) estudantes às discussões sobre o *bullying* e discriminação ajudou a aproximar o material acadêmico dos problemas concretos da rotina escolar e da vida destes(as) adolescentes.

Esta iniciativa mostrou-se também enriquecedora para a formação das acadêmicas da UNIVASF ao relacionar o conteúdo teórico às experiências individuais e coletivas de parte da comunidade paulo-afonsina. Através do jogo e da temática a ele vinculada, as graduandas em medicina tiveram a oportunidade de consolidar o entendimento, propiciado sobretudo pelo eixo curricular de PLESS, segundo o qual o papel dos profissionais da saúde vai além do estudo de patologias e da realização de procedimentos. Nesse sentido, as estudantes aprimoraram conhecimentos, habilidades e atitudes quanto ao manejo de problemas de saúde pública de origens mais sociais do que biológicas. Isto porque, em um primeiro momento, foi necessário estudo prévio e discussão interna (construção de conhecimento) entre a equipe aplicadora acerca dos temas que um debate mais embasado exige ao relacionar *bullying* ou *cyberbullying* com feminismo, racismo, LGBTfobia e determinantes sociais de saúde.

Em segundo lugar, foi primordial desenvolver habilidades de comunicação que gerassem uma discussão mais efetiva com os(as) adolescentes. A condução do diálogo e o manejo dos relatos surgidos no decorrer da atividade aprimoraram o exercício da escuta qualificada por parte das acadêmicas executoras. Propostas pedagógicas, como a presente relatada, apresentam ainda potencial de gerar autoconfiança e segurança nas discentes ao exercerem a função de mediação dos imprevistos, além de viabilizar a capacidade de encontrar soluções criativas para interferir em cenários conflituosos. Ao lidar com situações-problema que contribuem para a *expertise* em práticas de atendimento de saúde mais humanizadas desde os momentos iniciais da graduação (GARCIA-CARPINTERO BLAS *etal.*, 2019; GUARANA *etal.*, 2019), as discentes aperfeiçoam o manejo em uma

assistência de qualidade na medida em que aprendem a reconhecer e a atuar de acordo com as necessidades da pessoa sob cuidado e de sua comunidade. Ao exercerem o conjunto dessas habilidades, os(as) estudantes assumem uma postura ativa e de responsabilidade com transformações sociais positivas, efetivando, assim, sua cidadania e seu papel de profissionais de saúde engajados(as) com a realidade local.

Por fim, vale destacar que o formato da dinâmica aqui exposta admite sua replicação por profissionais de qualquer área, em contextos e públicos variados, desde que a equipe responsável se aproprie das discussões acerca do tema *bullying* e sua relação com as populações vulnerabilizadas. Desse modo, este relato de experiência também serve de incentivo para promover valores e atitudes baseados no respeito às diferenças, além de ajudar a desenvolver soluções não violentas para resolução de conflitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este relato de experiência, pretendeu-se mostrar que o debate sobre o respeito à diversidade por meio da adaptação do jogo “Vigilantes do *Bullying*”, produzido pelo Ministério Público do estado de Minas Gerais em 2011, atrelado ao uso de metodologias ativas, foi valioso para o processo de ensino-aprendizagem tanto dos(as) estudantes da escola municipal como para acadêmicas da UNIVASF. Discutiu-se, de forma lúdica, com recursos e linguagem acessíveis, assuntos sérios que afetam negativamente o processo saúde-doença, como sexismo, identidade de gênero, orientação sexual e racismo em suas interfaces com o combate ao *bullying* no cotidiano escolar. Com isso, cumpriu seu propósito de sensibilizar os(as) estudantes por meio de um processo educativo de valorização da diversidade a fim de que possam dar

seguimento à desconstrução das práticas ofensivas em suas relações pessoais e comunidades.

No *campus* Paulo Afonso, propostas pedagógicas dessa ordem ocorrem prioritariamente no eixo de PIESS de maneira a consolidar no corpo discente um olhar ampliado sobre o processo de saúde-doença-cuidado. Esse aprendizado permite que a formação médica possua, como fator imprescindível na prática profissional, a consideração das pluralidades existentes na sociedade de modo a contribuir para que seja mais acolhedora com a diferença.

AGRADECIMENTOS

A atividade de PIESS foi coordenada por três docentes do curso: Maria Augusta Palácio Vasconcelos, Roberta StofelesCecon e Andrea Kédima Diniz Cavalcante Tenório. Além disso, o planejamento e execução da ação educativa também contou com a participação da estudante Anne Victória Alves Lima na equipe. Agradecemos a contribuição de todas as docentes e estudantes envolvidas nesta vivência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº. 3, de 20 de junho de 2014. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Medicina e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 jun. 2014; Seção 1, p. 8-11.

BRASIL. Ministério da Educação. Universidade Federal do Vale do São Francisco. **Projeto Pedagógico do Curso de Medicina Campus Paulo Afonso – BA**. Paulo Afonso, 2020. P. 1 – 120. https://portais.univasf.edu.br/medicina-pa/medicina-pa/documentos-e-normas/ppc_2020-aprovado-cmed_pav-novo.pdf
Acesso em: 19 nov. 2021.

CARRARA, Sérgio. Educação, diferença, diversidade e desigualdade. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: <https://www.unifaccamp.edu.br/graduacao/letras_portugues_ingles/arquivo/pdf/gde.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.

CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1207-1227, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312015000401207&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 ago. 2019.

FARIAS, Pablo Antonio Maia de; MARTIN, Ana Luiza de Aguiar Rocha; CRISTO, Cinthia Sampaio. Aprendizagem Ativa na Educação em Saúde: Percurso Histórico e Aplicações. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 143-150, mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000100143&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 ago. 2019.

FERNANDES, Grazielli; YUNES, Maria Angela Mattar; TASCETTO, Leonidas Roberto. Bullying no ambiente escolar: o papel do professor e da escola como promotores de resiliência. **Revista Sociais e Humanas**, [S.l.], v. 30, n. 3, dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/27701>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GARCIA-CARPINTERO BLAS, Eva.; GONZÁLEZ, José Siles; ROCHE, María Emilia Martínez; MARTÍNEZ-MIGUEL, Esther; PEREA, César Manso; CERVANTES, Sergio González; GARCÍA, E. García. Percepciones de los estudiantes sobre sus vivencias en las prácticas clínicas. **Enferm. univ**, México, v. 16, n. 3, p. 259-268, set. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-70632019000300259&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 05 maio 2020.

GOOGLE Android – Rock, Paper, Scissors. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hgDbafji3xl>>. Acesso em: 03 maio 2020.

GUARANA, Carlos Vinicius Pacheco dos Santos; SOUZA, Edvaldo da Silva; DIAS, Victor de Souza; VALENTIM, Eliana. Avaliação da Competência de Estudantes de Medicina em Identificar Riscos à Segurança do Paciente através de Simulação. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 43, n. 1, supl. 1, p. 431-439, 2019. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022019000500431&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 maio 2020.

GUIMARÃES, Gehysa; AERTS, Denise; CÂMARA, Sheila Gonçalves. A escola promotora da saúde e o desenvolvimento de habilidades sociais. **Diaphora**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 88-95, dez. 2012. ISSN 2238-9709. Disponível em: <<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/76/76>>. Acesso em: 05 maio 2020.

MARCOLINO, Emanuella de Castro; CAVALCANTI, Alessandro Leite; PADILHA, Wilton Wilney Nascimento; MIRANDA, Francisco Arnoldo Nunes de; CLEMENTINO, Francisco de Sales. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 1, e5500016, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000100304&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 ago. 2019.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Vigilantes do Bullying**. Belo Horizonte: MP-MG, 2011.

PAIVA, MarllaRúbya Ferreira; PARENTE, José Reginaldo Feijão; BRANDÃO, Israel Rocha; QUEIROZ, Ana Helena Bomfim. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. **SANARE**, Sobral, v. 15, n. 02, p. 145-153, jun./dez. 2016. Disponível em: <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

PÉREZ SÁNCHEZ, Luis Francisco. Consideraciones epistemológicas, psicológicas, sociológicas y pedagógicas de la educación en valores. **Rev. Iberoam. Investig. Desarro. Educ**, Guadalajara, v. 9, n. 18, p. 184-194, jun. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-74672019000100184&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 05 maio 2020. <http://dx.doi.org/10.23913/ride.v9i18.417>.

PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n.

11, p. 3509-3522, nov. 2015. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015001103509&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 set. 2020.

SCHREIBER, Fernando Cesar de Castro; ANTUNES, Maria Cristina. Cyberbullying: do virtual ao psicológico. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 109-125, jan. 2015. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 ago. 2019.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]*. v. 17, n. 1, p. 29-41, abr. 2007. Disponível em:
<<https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>>. Acesso em: 21 nov 2021.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida; MEDEIROS, Pâmella de; PEREIRA, Beatriz; CARDOSO, Fernando Luiz. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, mar. 2016. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000100181&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 ago. 2019.